

Poesia mística e lirismo universalista: o caso da revista *Festa*

Mystical poetry and universalist lyricism: the case of magazine *Festa*

La poesía mística y el lirismo universalista: el caso de la revista *Festa*



Alexandre de Melo Andrade

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Bolsista de Produtividade do CNPq, nível 2.

alexandremelo06@uol.com.br

Resumo: Neste artigo, pretendemos resgatar a revista *Festa*, que fez parte dos importantes periódicos modernistas brasileiros. A revista teve duas fases, sendo a primeira constituída de treze números (1927-1929) e a segunda, de nove números (1934-1935). A poesia mística e o lirismo universalista são os pontos centrais do movimento formado em torno da *Festa*, sobre os quais nos ocupamos aqui, desvelando aspectos modernistas pouco explorados pela crítica. Apresentamos uma discussão de textos doutrinários da revista e de poesias publicadas nas duas fases, com ênfase na poeta Cecília Meireles e nos poetas Jorge de Lima e Murilo Mendes.

Palavras-chave: modernismo. revista *Festa*. poesia mística. lirismo universalista.

Abstract: In this article, we intend to rescue the magazine *Festa*, which was part of the important brazilian modernist periodicals. The magazine had two phases, the first consisting of thirteen issues (1927-1929), and the second, of nine issues (1934-1935). Mystical poetry and universalist lyricism are the central points of the movement formed around the *Festa*, which we focus on here,

revealing modernist aspects little explored by critics. We present a discussion of doctrinal texts from the magazine and of poetry published in both phases, with emphasis on the poet Cecília Meireles and the poets Jorge de Lima and Murilo Mendes.

Keywords: modernism. magazine *Festa*. mystical poetry. universalist lyricism.

Resumen: En este artículo, pretendemos rescatar la revista *Festa*, que hizo parte de las importantes publicaciones periódicas modernistas brasileñas. La revista tuvo dos fases, la primera se constituyó de trece números (1927-1929), y la segunda de nueve números (1934-1935). La poesía mística y el lirismo universalista son los puntos centrales del movimiento formado en torno a la *Festa*, de los que nos ocupamos aquí, revelando aspectos modernistas poco explorados por la crítica. Presentamos una discusión de los textos doctrinales de la revista y de las poesías publicadas en ambas fases, con énfasis en la poeta Cecília Meireles y en los poetas Jorge de Lima y Murilo Mendes.

Palabras clave: modernismo. revista *Festa*. poesía mística. lirismo universalista.

Submetido em 14 de junho de 2022.

Aceito em 27 de setembro de 2022.

Publicado em 13 de março de 2023.

No dia 1º de agosto de 1927 surgiu a *Festa – Mensário de pensamento e arte*, que viria a compor uma das importantes revistas do Modernismo brasileiro. Sua primeira fase teve treze números, sendo a última publicada em 13 de janeiro de 1929. A segunda fase, quando passou a ser designada *Festa – Mensário de arte e pensamento*, foi de julho de 1934 a agosto de 1935, com nove edições. Em comemoração ao cinquentenário da revista, a primeira fase foi toda publicada em versão fac-similada pela Inelivro (Rio de Janeiro), sob planejamento e editoração de Mário Camarinha e Lúcio de Abreu, partindo dos originais doados por Andrade Muricy ao Museu Literário da Fundação Casa de Rui Barbosa. As edições das duas fases podem ser acessadas nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Para esta pesquisa, utilizamos os textos da primeira fase que constam na versão fac-similada e, para os da segunda fase, a versão disponibilizada pela Biblioteca Nacional.

Neste mesmo contexto, veicularam revistas que apresentavam e discutiam arte moderna, principalmente concernentes ao progresso, à vida urbana, ao frenesi da busca pelo novo, das quais podemos destacar a *Klaxon*, que circulou entre 1922 e 1923, e o periódico *Estética*, publicado entre 1924 e 1925; já os anos de 1925 e 1926 foram marcados pelas publicações de *A Revista*. Assim, *Festa* surge num momento de efervescência cultural e de discussões acaloradas em torno do entendimento e da realização de arte moderna no Brasil. Contrariamente às ideias inovadoras divulgadas naquele período, o grupo em torno desta revista – liderado por Tasso da Silveira e Andrade Muricy – propôs uma literatura fundamentada na totalidade criadora e no universalismo espiritualista, o que justifica, em certa medida, o título do periódico, que faz alusão ao estado de alegria espiritual defendido pelos seus idealizadores.

Enquanto as revistas acenavam para o futuro próximo, a *Festa* olhava para o passado em busca da universalidade, no sentido de encontrar o espírito nacional a partir da tradição e da adesão ao todo, à coletividade. O “Poema manifesto”, que abre o primeiro número da primeira fase, da autoria de Tasso da Silveira, possibilita

que iniciemos a discussão acerca dos fundamentos do movimento. Nas estrofes finais, assim diz o poeta:

Passou o profundo desconsolo romântico.
Passou o estéril ceticismo parnasiano.
Passou a angústia das incertezas simbolistas.

O artista canta agora a realidade total:
a do corpo e a do espírito,
a da natureza e a do sonho,
a do homem e a de Deus,

canta-a, porém, porque a percebe e compreende
em toda a sua múltipla beleza,
em sua profundidade e infinitude.

E por isto o seu canto
é feito de inteligência e de instinto
(porque também deve ser total)
e é feito de ritmos livres
elásticos e ágeis como músculos de atletas
velozes e altos como subtilíssimos pensamentos
e sobretudo palpitantes
do triunfo interior
que nasce das adivinhações maravilhosas...

O artista voltou a ter olhos adolescentes
e encantou-se novamente com a Vida:

todos o acompanharão!

(SILVEIRA, 1980g, p. 1, grifo do autor).

Sendo mentor do grupo, Tasso da Silveira participou ativamente de todas as publicações da *Festa*, tanto da primeira quanto da segunda fase, contribuindo com poesias e textos doutrinários

acerca de arte moderna. No seu “Poema manifesto”, fica evidente a proposta de adesão à “realidade total”, compreendida como propulsão para o universal e a infinitude, repercutindo diretamente numa aliança entre o lirismo criador e o transcendentalismo. Essa geração de pensadores e artistas inaugurou uma linha mística no Modernismo brasileiro, aberta às atmosferas espirituais, divinas, numa busca pelas realidades primordiais. Nesse sentido, suplantam uma visão passadista de literatura de circunstância e valorizam a aspiração metafísica, reveladora das verdades universais.

A fase heroica do Modernismo havia disseminado ideias acerca do nacionalismo, muito em virtude do centenário da Independência, tendo sido inclusive marcada pela deflagração da realidade brasileira em suas múltiplas facetas. Desse modo, há uma profunda divergência entre essas primeiras ideias modernistas e o modo como o grupo espiritualista entendia o nacionalismo. Nos diversos textos doutrinários da *Festa*, há o desejo de rompimento com a linhagem mais localista do nacionalismo crítico, visando a uma transcendência para o espírito coletivo. Na Apresentação da versão fac-similada, Leodegário A. de Azevedo Filho – até então diretor do Instituto Estadual do Livro – diz que

[...] o grupo da revista *Festa* divergiu do primitivismo paulista, bem assim do objetivismo dinâmico de Graça Aranha, recusando o poema-piada, além de acatar a tradição válida e aceitar a tradição válida e o conceito de universalidade na arte. Em uma frase, o grupo não queria *revolução* (a exemplo da trovoada modernista da Semana de Arte Moderna em 22), mas *evolução literária*, sem açodamento [...]. (AZEVEDO FILHO, 1980, p. 9, grifo do autor).

No lugar do poema-piada, valorizam as formas do sagrado e do eterno; em vez do barulho, propunham o reconhecimento da herança do passado e a marcha em busca de uma realidade mais abrangente. Consoante Azevedo Filho, o texto “Tempo de festa”, também da versão fac-similada, da autoria de Mário Camarinha da

Silva, assim resume a oposição que o movimento estabeleceu com relação ao grupo modernista paulista:

[...] a *Festa* combatera tanto o passadismo quanto o arri-
vismo e batera-se pela alegria criadora, que vem de den-
tro, contra as manifestações externas, clownescas (como
se dizia então), dos primitivistas e os automatismos dos
dinamistas. Era pela Renovação em vez da Revolução e,
consequentemente, mais pela tradição que pela inova-
ção, ou melhor: pela criação a partir da tradição e não
pelo cosmopolitismo de importação. Acreditava por ou-
tro lado que pelo caminho do nacional autêntico, tendo a
coragem de sermos o que somos, chegaríamos à univer-
salidade. E tinha da arte uma visão totalista, isto é, con-
siderava-a um meio de assenhorear-se da realidade inte-
gral, recriando-a em vez de meramente invocá-la. (SILVA,
1980, p. 23, grifo do autor).

Ainda que esta geração tenha se colocado na contramão dos modernistas de primeira hora, é fato que manteve algumas conquistas da poesia recente, como as formas livres do fazer poético. No entanto, consideravam que o ritmo espontâneo correspondia justamente a uma captação do ritmo da nação, do povo, do espírito nacional; desse modo, divulgavam um nacionalismo literário intrínseco à obra, manifesto intuitivamente na fluidez do verso. Defendiam a ideia de que o ritmo interligava a poesia ao ritmo universal, por isso devia descolar-se das formas rígidas e preestabelecidas.

Tasso da Silveira e Andrade Muricy conceituavam a poesia moderna, nos vários textos que assinaram nas duas fases do periódico, a partir dessa visão totalista, distanciando-se da poesia que se queria nacionalista em Mário de Andrade e Oswald de Andrade. No contexto daquela recente produção de poesia moderna no Brasil, tinham apreço por Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida, vis-

tos como poetas que captavam o ritmo coletivo da nação. Mário de Andrade não se manteve à margem dessa discussão; a par das ideias defendidas pelo grupo em torno da *Festa*, manifestou-se publicamente, inclusive em texto publicado pela própria revista, na edição de número 6, em seção intitulada “O grupo de ‘Festa’ e suas significações”. O escritor modernista compreendeu a importância do movimento universalista, principalmente no que se refere à publicação de poesias, mas tece algumas críticas a respeito de um certo esquecimento desse grupo com relação às contribuições da geração que deu início à literatura modernista no Brasil, da qual participou ativamente. Assim diz Mário de Andrade:

E, aliás, o grupo de “Festa” carece não esquecer que quem aguentou a pancadaria, as descomposturas, os insultos, as perfídias e as calúnias, fomos nós, unicamente nós, enquanto o grupo de “Festa” na maciota passeava ileso e até ajudava na pancada e no assobio. Mas, hoje está se beneficiando do que a gente praticou, brigou e aguentou. (ANDRADE, 1980, p. 12).

Nesse sentido, vale destacar que houve excesso nas várias críticas que Tasso da Silveira e teóricos da *Festa* desferiram à geração que estivera envolvida na Semana de Arte Moderna. O grupo revalorizou aspectos da tradição, principalmente a romântica e a simbolista, mas se limitou a compreender arte moderna sob a perspectiva da linhagem mística e do nacionalismo totalista.

A relação que estabeleceram com o Romantismo e o Simbolismo ratifica a tendência à subjetividade e à infinitude. Poetas que surgiram nesse contexto, a exemplo de Cecília Meireles e Jorge de Lima, foram considerados, pela crítica imediata, poetas neo-simbolistas, herdeiros diretos da tradição metafísica mais recente. Cecília Meireles teve participação no movimento formado, tendo inclusive cedido sua casa, no Rio de Janeiro, para as reuniões do grupo; a poeta publicou dez poemas e duas prosas poéticas na primeira fase da revista, e um poema na segunda fase. A autora do *Romanceiro da*

Inconfidência, que viria a ser uma das principais vozes poéticas do século XX, iniciou sua produção nesta geração, tendo colaborado já no primeiro número da *Festa* com o conjunto “Cinco poemas”, dos quais extraímos o primeiro, intitulado “Casulo”:

À hora do teu destino.
Criaram-se os fios tênues
Que te envolveram,
Dentro dos quais dormirias
O teu sonho preparatório,
A Iniciação das asas
Para a sabedoria dos espaços...

Hoje, romperam-se todos os casulos:
E foi uma festividade em torno...
Mas tu, guardado no teu,
Não te pudeste mover mais:
Não tinhas mais aquele pequenino sopro,
Invisível,
Oculto,
Que anima todas as formas...

Dize-me, inseto obscuro:
Com que asas voaste
De dentro de ti mesmo?
Qual foi a tua Iniciação?
Qual é a tua sabedoria?
(MEIRELES, 1980, p. 3).

O poema reforça a tendência do grupo para a infinitude subjetiva, para os mistérios, para a metafísica reveladora. A poeta volta-se para o nascimento, o início do destino, o rompimento do casulo, mas mostra-se inquieta mediante o inseto, a quem dirige sua voz, pois, contrariamente à sua espécie, que vai ocupar os espaços com suas asas, permanece imóvel, obscuro, ausente da

vida que anima os corpos. Essa relação entre vida e morte será cara à poeta, ao longo de sua trajetória, que não raras vezes vai tematizar a fugacidade da existência, a finitude humana diante da eternidade do universo.

Os poetas que publicaram na revista tinham o gosto pelos espaços amplos, pelas imagens estelares, pelo céu infinito, o que simbolicamente também sinaliza a preferência pelos mistérios, pelo universal e pela espiritualidade. O espaço da subjetividade, da criação artística, era compreendido através de sua capacidade de se aproximar do sagrado e de se comunicar com o eterno. A própria referência a Deus, como forma primordial, como origem e fim, é feita de modo incisivo nas produções poéticas.

É emblemático que o primeiro número da *Festa* tenha trazido, na abertura, o poema de Tasso da Silveira (1980g, p. 1) a que aludimos anteriormente, um texto crítico de Andrade Muricy (1980a, p. 2) na sequência e, em seguida, o conjunto de poemas de Cecília Meireles (1980, p. 3). Os três escritores tornaram-se a máxima referência deste movimento, seja na produção poética, no caso de Tasso e Cecília, seja nos textos doutrinários acerca da arte universalista, no caso de Tasso e Andrade.

Ainda no primeiro número, publicaram os poetas Henrique Abílio, Barreto Filho e Murilo Araujo – poetas que contribuíram com poemas em várias outras edições. Aparece, ainda, a tradução do poema “Da saudação ao mundo”, de Walt Whitman – poeta que exerceu extremo fascínio sobre esta geração. Henrique Abílio (1980) ainda contribuiu com “A modernidade universalista da arte”, importante texto sobre a compreensão que o grupo tinha acerca do nacionalismo. Ao ampliar a noção de nacionalismo para as realidades gerais e coletivas, o crítico define o grande artista a partir de sua capacidade de transcender sua condição local e empírica para as condições universais, para a totalidade humana. Nesse sentido, entende que elementos inconscientes do artista projetam aspirações universais na sua obra, o que a torna metafísica. Em dado momento, afirma que “A arte não tem função histórica, porque a sua finalidade não é explicar o passado, é antes

revelar o presente e profetizar o futuro através de uma criação da beleza” (ABÍLIO, 1980, p. 5).

No texto dramático intitulado “O diálogo à sombra dos eucliptos” (SILVEIRA, 1980e, p. 11), também do mesmo número, Tasso da Silveira reitera essa característica fundamental da arte, discutindo o conceito e a realização da Beleza, entendendo-a sob três aspectos: 1) Beleza ardente, correspondente à parte oculta da realidade, mas que a anima; 2) Beleza luminosa: revelada na plástica universal, o revestimento das formas; 3) Beleza profunda: equivalente às leis eternas, à comunhão do espírito com Deus. A adesão aos aspectos transcendentais, místicos, de franco diálogo com a tradição cristã, acontece justamente como consequência desse entendimento que o grupo tinha acerca da arte e de seu compromisso com as realidades eternas.

A associação entre totalidade e transcendência aparecerá, em texto também de Tasso da Silveira, na edição de número 4. Diz o poeta e teórico do movimento:

TOTALIDADE: quer dizer: o artista assenhorando-se da realidade integral: das realidades humanas e transcendentais; das realidades materiais e espirituais; humildes ou formidáveis. Mas para recriá-las na sua arte. E não para evocá-las saudosisticamente em frases bambas e melosas. Deformação não é o que vocês pensam. O artista deforma porque a luz deforma, porque o movimento deforma; e o artista quer, antes do mais, captar a vida. Transfiguração não é o que vocês supõem. O artista transfigura porque os seus sentimentos penetram as coisas, transfigurando-as. Porque tem uma visão que lhe é própria. Porque tem um Desejo que é só seu. E esta visão hoje abrange a totalidade. E este desejo se tornou infinito... (SILVEIRA, 1980a, p. 6).

A definição é esclarecedora, pois intenta explicar a arte a partir da intersecção entre a experiência do artista e a vida, entre seu de-

sejo e as realidades humanas, o que acontece por meio da transfiguração das coisas. O sentido da transcendência, para o grupo, não se manifesta como fuga do mundo, mas como extensão do eu, como desdobramento da atividade lírica na contraparte infinita de todas as coisas. O artista sente os acordes rítmicos do universo e os traduz na sua obra sob a perspectiva da sua condição existencial.

O título da revista intenciona a captação da atmosfera de euforia e alegria proveniente desse contato do artista com as realidades universais; o êxtase do artista se aproxima, assim, do êxtase místico, do contato com Deus. Em “Alegria criadora”, na edição de número 5, Tasso da Silveira associa a atividade poética criadora à imagem de Deus: “Deus é senhor da totalidade das cores, da totalidade dos ritmos, da totalidade das formas” (SILVEIRA, 1980b, p. 13). O poeta é caracterizado, assim, como mediador entre os ritmos universais e divinos e a experiência humana cotidiana; ou seja, o poeta sente os acordes místicos e, ainda que inconscientemente, projeta-os na sua criação.

A visão mística que Tasso da Silveira e o movimento a que pertenceu têm do poeta aproxima-se da ideia do artista como vidente, profeta, vate que conhece a Beleza eterna. Diferentemente dos românticos e dos simbolistas, que rejeitavam o progresso material, os poetas dessa fase mostravam-se animados com o avanço da ciência, pois entendiam que as descobertas no campo da matéria correspondiam, também, a revelações de Deus na experiência comum. Poesia e ciência eram aproximados, assim, pelo seu caráter de revelação permanente de realidades universais. No mesmo texto, Tasso da Silveira (1980b, p. 13) afirma: “[...] a verdadeira poesia é algo de mais alto e profundo. É o maravilhamento do poeta diante do milagre da vida. E o conhecimento, a ciência, só pode patentear mais claramente esse milagre”. A natureza, como base de toda ciência, é considerada um livro de aprendizagem, um livro que carrega todas as respostas.

Pelo reconhecimento da transcendência e ou transfiguração inerente ao ato poético criador, o grupo da *Festa* prefere ser cha-

mado de corrente totalista. Misticismo, espiritualismo, catolicismo, universalismo – aspectos tão citados pela crítica acerca de uma via da segunda geração modernista brasileira – sinalizam, nesta geração, a mesma ideia de totalismo, difundida em toda a primeira fase da revista.

Muitos textos doutrinários publicados pelo grupo tecem considerações sobre a tradição literária brasileira, o que possibilita entendermos o modo como seus membros liam escritores que se tornaram populares a partir do Romantismo. É possível, ainda, estabelecer uma genealogia da tradição lírica metafísica pela perspectiva desses textos.

Em se tratando de prosa de ficção, José de Alencar é o mais citado. O autor de *Iracema* é valorizado, pelos teóricos da *Festa*, pela expressão do espírito nacional, pela fantasia criadora, pelo ritmo que caracteriza sua escrita romanesca e pela pintura altamente sugestiva. Já no primeiro número, Andrade Muricy (1980a) enaltece o escritor indianista, por ter sido pioneiro na literatura pitoresca brasileira. O crítico tece outros tantos elogios a Machado de Assis, pela tendência que inaugurou de uma linhagem romanesca de densidade interior, de desaparecimento da pintura local, o que o leva a uma abordagem nacional de modo mais introspectiva, reveladora da alma nacional. Na terceira edição, Muricy (1980b, p. 3) retoma José de Alencar, reafirmando sua admiração: “Quando quase todos os nossos autores recorrem à sensualidade para expressarem nosso ardor tropical, Alencar fê-lo com frescura virginal e saudável, com avisada candura de primitivo, com altos elances de adolescente genialidade”. Machado de Assis aparece novamente, sob a perspectiva de que “não foi um precursor, mas, isso sim, um realizador definitivo, circunscrito ao seu âmbito analítico, criando num refolho íntimo da sensibilidade brasileira maravilhas de equilíbrio, entretecidas numa trama sólida de ágil inteligência desencantada” (MURICY, 1980b, p. 3). Alencar representava, para o movimento totalista, a transcendência pela paisagem, a revelação espiritual de uma nação que se descobria; Machado, por seu

turno, tocava nos meandros na alma nacional de modo intuitivo, indireto, mas não menos revelador.

O movimento simbolista teve profundas ressonâncias na geração que se formava a partir de 1927 e que se estenderia nos anos 1930 e 1940. A transcendência para as esferas celestes e luminosas, a religiosidade e a infinitude são aspectos caros aos dois movimentos. Na edição de número 3, Tasso da Silveira dedicou um texto ao Simbolismo, identificando aspectos que seriam caros à sua própria geração. Segundo Silveira (1980f),

O movimento simbolista, no Brasil, não foi um simples e passageiro reflexo do movimento simbolista europeu. Foi um novo estado de alma, estimulado, sem dúvida, pelo exemplo da Europa, mas profundamente brasileiro. Correspondeu ao verdadeiro despertar das nossas ânsias metafísico-religiosas. Foi mais do que pura corrente religiosa. Foi um “ambiente espiritual”. (SILVEIRA, 1980f, p. 8).

O grupo *Festa* depreendeu, assim, que o Simbolismo correspondeu às primeiras manifestações do lirismo místico universalista no Brasil, revelando as palpitações do espírito nacional. No mesmo texto, Tasso da Silveira (1980f) reconhece a importância de Cruz e Souza, tendo sido inspiração para os poetas que surgiram a partir dos anos finais da década de 1920. O próprio Mário de Andrade (1980), no texto a que nos referimos aqui, elogiou os comentários feitos por Tasso da Silveira sobre o Simbolismo.

A menção aos poetas simbolistas foi uma constante, principalmente na primeira fase de circulação da revista. Cruz e Souza, sem dúvida, é o poeta mais citado. Na sexta edição, o crítico literário Mário Mendes Campos (1980) publicou o texto intitulado “Alphonsus de Guimaraens”, considerando-o poeta da beleza cósmica, da revelação do espírito, da transformação da dor em alegria. Campos (1980, p. 10) argumenta que os poetas foram sempre “os grandes reveladores da imortalidade, porque conseguiram sur-

preender e exprimir o mais fielmente possível os abismos espirituais da consciência". Neste sentido, todos os poetas poderiam ser considerados místicos, pois é atributo da poesia a perscrutação da subjetividade humana.

No penúltimo número da primeira fase, Tasso da Silveira (1980d) retoma a linhagem que seu grupo valoriza na literatura brasileira. No texto "Instinto de tatu ou Os desiludidos de si mesmos", cita José de Alencar e Gonçalves Dias, fazendo a ressalva de que lhes faltam "solidez e durabilidade" (SILVEIRA, 1980d, p. 8). Alude a Castro Alves como "a surpresa, o espanto, o clamor efêmero, a cólera fugaz" (SILVEIRA, 1980d, p. 8) e a Fagundes Varela como o poeta que "embebeda-se romanticamente" (SILVEIRA, 1980d, p. 8). Cita Euclides da Cunha (autor que aparece muitas vezes nos textos críticos das duas fases da revista), prosador que fez um "sertão fantasmagórico e idílico" (SILVEIRA, 1980d, p. 8) e, uma vez mais, Machado de Assis e Cruz e Souza, considerados "a mais rara sensibilidade em nossa poesia moderna" (SILVEIRA, 1980d, p. 8).

Na edição de número 2, da segunda fase da *Festa*, o poeta peruano Enrique Bustamante Y Ballivián (2015) apresentou nove nomes de poetas que considerava destaques da nova geração, que são: Gilka Machado, Cecília Meireles, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Tasso da Silveira, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Murilo Araújo e Ribeiro Couto. Dos nomes destacados, os que mais publicaram na revista foram Gilka Machado, Cecília Meireles, Tasso da Silveira e Murilo Araújo. Vale dizer, ainda, que o próprio Ballivián contribuiu com alguns poemas.

Explanados os aspectos líricos valorizados pelo movimento, os escritores da tradição que eram valorizados e os contemporâneos que publicaram na revista, importa-nos dizer, ainda, que em mais de um dos textos doutrinários defendia-se a ideia de que havia duas tendências de renovação das artes no Brasil. Tasso da Silveira (1980i) retoma estudos de Tristão de Ataíde, na segunda edição da primeira fase, para explicar sua compreensão a respeito do espírito de renovação. Para tanto, entende que uma das tendências é a que parte de Graça Aranha, e outra a que parte de escrito-

res paulistas, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Alcântara Machado, dentre outros. Graça Aranha é tido como “o glorioso inventor, aqui entre nós, do dinamismo objetivista e da concepção espetacular do mundo” (SILVEIRA, 1980i, p. 6). Se uma tendência parte de questões mais gerais, coletivas, circunscritas pela abordagem filosófica do objetivismo, a outra tendência – paulista – faz abordagens de um nacionalismo mais específico, local, fundamentado no primitivismo e na tentativa de retratar as faces e os problemas da nação brasileira.

Tristão de Ataíde, nas constantes referências que a ele são feitas no texto “Renovação” (SILVEIRA, 1980i), citado acima, argumenta que a obediência fiel tanto a uma tendência quanto a outra seria infrutífera, pois em Graça Aranha observa-se ainda um naturalismo disfarçado, e do primitivismo paulista tem-se uma literatura de escárnio e de mera destruição. Dessa forma, Ataíde propõe uma terceira condição fundamental de nossa arte, baseada no elemento espiritual, na mística criadora.

Na sexta edição da primeira fase, o próprio Tristão de Ataíde (1980) retoma a discussão em torno das tendências da arte moderna no Brasil, propondo que a terceira delas seja o espiritualismo reunido em torno de *Festa*, que “é de todos os três o mais anterior, aquele que mais conscientemente se enraíza na tradição de nossas letras e que mais coerência demonstra em seus laços com movimentos anteriores já superados. [...] não vem renovar o simbolismo e sim superá-lo” (ATAÍDE, 1980, p. 14). Assim, havia em torno da revista *Festa* a mesma euforia observada nos grupos modernistas que a antecederam, embora negassem compartilhar dessa efervescência. A produção poética publicada na revista atesta essa visão coletivista, atrelada à veia mística que caracteriza essencialmente o movimento. O poema “Húmus”, de Tasso da Silveira (1980h, p. 5) – último dos cinco poemas que compõem o conjunto “Quatro carvões e uma aquarela”, da terceira edição da primeira fase – exemplifica essa forte tendência do poeta e da geração:

Os cavouqueiros ergueram num gesto unânime
as enxadas pesadas
e desferiram o primeiro profundo golpe
sobre o chão ressequido.

E depois, no mesmo ritmo de força,
outro golpe, e mais outros,
e mais outro...

À beira da vala semiaberta
foi-se amontoando a terra úmida
vinda dos secretos recessos
do chão humilde...

...foi-se amontoando o húmus negro
surpreendido pelas enxadas
na ânsia das gêneses prodigiosas,
e que à luz clara da hora ardente
parecia pulsar e ferver ainda
de desejo criador
(SILVEIRA, 1980h, p. 5).

O trabalho dos cavouqueiros, em “gesto unânime”, incorpora um sentimento coletivo, com a mesma motivação, o mesmo entusiasmo e o “mesmo ritmo”, de forma ininterrupta, com “outro golpe, e mais outro, / e mais outro...”. O ato de cavar incorpora tanto o sentido da transcendência na infinitude subjetiva quanto o sentido da transformação cultural que os idealizadores do grupo ansiavam, que era o de oferecer as bases para uma arte moderna no Brasil. O “chão ressequido” metaforiza, dessa forma, uma estrutura individual e social, a um só tempo, que precisa ser vencida pela “luz clara da hora ardente” e do “desejo criador”.

Tasso da Silveira estava convencido, ao final da primeira fase da *Festa*, que esse esforço coletivo não só tinha criado raízes fortes na cultura brasileira como tinha suplantado os movimentos ime-

diatamente anteriores ao surgimento do movimento a que pertenceu. Assim diz o poeta e crítico, na edição de número 13:

[...]

Ficaram definidos os valores incontestáveis.

Salvou-se a nossa arte jovem dos desvios perigosos por onde ia.

Foi posto em cheque o arrivismo desenfreado.

Acordaram as vozes que devem ser ouvidas.

Reafirmou-se o Espírito.

*

Está morta a polêmica modernista.

Não há mais nada que dizer neste sentido.

*

Vamos agora à nossa etapa da descoberta de nossa total realidade interior.

*

[...]

Longe, pois, os nacionalismos estreitos.

Nacionalismo é critério comercial e político.

[...]

Brasilidade, sim, porém num sentido profundíssimo.

Brasilidade universalista, se assim se pode dizer.

A nossa realidade particular – porque foi o quinhão que Deus nos deu.

E porque só através dela poderemos chegar à compreensão da realidade total do mundo.

[...].

(SILVEIRA, 1980c, p. 1-2).

É evidente o modo como Tasso da Silveira ratifica a posição do grupo acerca do que seria o “verdadeiro” nacionalismo e do modo incisivo como os membros se opõem ao primeiro grupo modernista.

Ainda que a geração de Tasso da Silveira tivesse propensão para o misticismo e a universalidade, a crítica histórica não passou totalmente incólume nesta primeira fase. Na décima edição, o texto “O espírito dominador”, de Arthur Gaspar Vianna (1980), traz uma crítica ferrenha ao liberalismo, que, a seu ver, atende aos propósitos da burguesia na sua busca de poder, tendo como consequência o massacre do povo. Vianna (1980, p. 4) refere-se à classe burguesa como o canto da Sereia a enganar as classes sociais desprivilegiadas: “Proclamam o governo do povo pelo povo, mas quem governa é a finança burguesa, a educação burguesa, a política burguesa. O pensamento é de ordem burguesa”. Contrariando o pensamento, o liberalismo seria uma força a ser combatida. Tendo em vista que “o liberal é subjetivamente vazio” (VIANNA, 1980, p. 4), cabe às artes suprir este vazio e fazer cumprir a destinação humana. Nesse sentido, o grupo *Festa* cumpria importante tarefa libertadora: “E em breve veremos o Pendão do Espiritual tremular e os rebanhos se abeberarem nas fontes purificadas pela Emoção e pela Beleza do Espírito Dominador” (VIANNA, 1980, p. 4).

A segunda fase da revista avança nas discussões acerca do contexto histórico, muito em decorrência do autoritarismo da Alemanha de Hitler. Na terceira edição, Barreto Filho (2015) retoma aspectos que apontamos na crítica de Arthur Gaspar Vianna, em texto intitulado “A revolução mundial e a responsabilidade do espírito”, que se refere ao tempo de crise em que vivem:

Todos estão dentro da crise, sentindo os seus monstruosos efeitos, que se manifestam, não somente no fragoso desmoronamento de toda a super estrutura ideológica, ética, jurídica e econômica que modelava a fisionomia arquitetônica de nossa civilização, mas também na explosão súbita, no foro íntimo, de correntes desconhecidas, de força irresistível, capazes de dismantelar também o organismo psíquico do homem. (BARRETO FILHO, 2015, p. 5).

Barreto Filho (2015) argumenta a favor do Espírito, do despertar das forças subjetivas, que seriam capazes de impor resistência aos tempos de guerra e de nacionalismo destrutivo, embora reconheça não ser tarefa fácil.

Há, com maior frequência nesta segunda fase, textos críticos que condenam a disseminação do fascismo e seus efeitos avassaladores. Também aparecem algumas breves discussões acerca da problemática da desigualdade social e do descaso dos governos para com a educação integral dos cidadãos. Entendemos que, tendo realizado suas nove edições nos anos de 1934 e 1935 – período fértil para a prosa regionalista brasileira –, foi difícil a esta nova geração ficar à margem das questões políticas emergentes no contexto. Dois poetas de destaque do século XX no Brasil, caracterizados pela oposição entre aspectos místicos e contingência histórica, tiveram participação na *Festa*: Jorge de Lima e Murilo Mendes.

Jorge de Lima (1980a, 1980b, 2015) contribuiu com três poemas, sendo dois da primeira fase (“Meu flos santorum”, edição 11; e “Nordeste”, edição 13) e um da segunda fase (“O destino da poesia”, edição 1). O poeta alagoano participou de um movimento que intencionava a restauração da poesia em Cristo; sua obra abre franco diálogo com as variadas linhas do cristianismo e com os mitos da tradição, de forma a conjugar crítica social e transcendência. No poema “O destino da poesia”, de caráter metalinguístico, encontramos aspectos centrais de sua poética:

Primeiro a fera surgiu
bufando mil desafios.

A Santa chegou por fim
tocando seu bandolim.

A fera avança pra Santa
a Santa não se espantou.

Impassível sem um oh
tira das cordas um dó.

A fera estaca de chofre
fungando tufos de enxofre.

A Santa vibrou um ré
a fera lambeu-lhe os pés.

A Santa vibrou um mi
e a fera ficou ali.

sem tino de fazer nada
totalmente desarmada.

A Santa vibrou um fá
tirou os dentes da fera.

Tirou as unhas afiadas
a fera ficou sem nada.

Foi então desencantando,
A fera virou princez.

_ Quereis comigo casar
ó Santa que eu sou princez?

_ Não sou gente desse mundo
adeus princez, vou pr'ó céu,
adeus, adeus!

(LIMA, 2015, p. 6).

Constituído de versos em redondilha maior (com exceção do último verso) e com rimas em sua maioria, ao gosto da tradição popular, o poema registra um diálogo entre a fera e a Santa, elementos de valor e significado opostos. Tocando seu bandolim,

a Santa apascenta a fera, a exemplo de um Orfeu a encantar a natureza com sua lira. Ao intitular o poema como “O destino da poesia”, o poeta associa fazer poético e transcendência mística, aproximando o poeta à figura da Santa; assim, a experiência do sagrado e a poesia compartilham os dons da elevação, da beleza e da harmonia. Essa aliança entre o lirismo e as formas místicas estão no fundamento do grupo em torno de *Festa*, conforme pudemos demonstrar.

A forte oposição entre as atmosferas espirituais e a desordem do mundo tornou-se aspecto central em toda a obra de Jorge de Lima. Neste mesmo contexto, a partir da década de 30, o poeta publicou obras que se tornariam emblemáticas para a geração espiritualista, como *Tempo e eternidade* (1935, em coautoria com Murilo Mendes), *A Túnica Inconsútil* (1938) e *Anunciação e encontro de Mira-Celi* (1943), obras de caráter mítico e metafísico, de denúncia do contexto bélico da Primeira e da Segunda Guerra Mundial.

Murilo Mendes (2015a, 2015b, 2015c) teve participação na segunda fase da revista, contribuindo com os poemas “Roxelane” e “O fim do mundo”, no terceiro número, e o poema “Meu novo olhar”, no quinto número. O poeta mineiro, que inicia a publicação de suas obras no início da década de 1930, mantinha uma ligação profunda com os propósitos do grupo, embora acentuasse aspectos surrealistas. O apelo religioso, as imagens do início e do fim dos tempos e a absorção das esferas míticas inserem o poeta na tradição de poetas metafísicos brasileiros. Dotado de uma forte consciência do contexto bélico, da realidade endurecida e da condição errática da civilização, o poeta assim se expressa em “Meu novo olhar”:

Meu novo olhar é o de quem já sabe
Que a alegria e a ventura não permanecem.
Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos futuros
E viu neles a separação entre os homens,
O filho contra o pai, a irmã contra o irmão, o amante con-

tra a amante,
As igrejas dinamitadas, depois reconstruídas com maior
fervor;
Meu novo olhar é o de quem atravessa a massa
E sabe que, depois dela ter obtido pão e cinema,
Guerreará, outra vez, para não se entediar.
Meu novo olhar é o de quem vê um casal belo e forte
E sabe que, sozinhos, se olham os dois com nojo.
Meu novo olhar é o de quem vê, com tristeza, a bailarina
Que, para conseguir um movimento gracioso da perna,
Durante anos sacrificou o resto do seu ser.
Meu novo olhar é o de quem vê na criança andando
A futura doente, a órfã, a louca, a prostituta.
Meu novo olhar é o de quem transpõe as musas de pas-
sagem
E não de detém nas ancas, nas nucas e nas coxas,
Mas se dilata até a vista da Musa bela e serena,
A que me conduzirá ao amor essencial.
Meu novo olhar é o de quem assistiu à paixão e morte do
Amigo,
Poeta para toda a eternidade segundo a ordem de Jesus
Cristo,
E aquele que mudou a direção do meu olhar;
Meu novo olhar é o de quem já vê se desenrolar sua pró-
pria paixão e
[morte
E que espera a integração do seu ser definitivo,
Sob o olhar fixo e incompreensível de Deus.
(MENDES, 2015a, p. 9).

O poema, constituído de versos livres e brancos, fundamenta-se num jogo de oposições que sinalizam o embate entre a realidade dominada pelas chagas e pelos erros e um ideal de sacralidade vislumbrado pelo eu lírico. Contrariamente a uma visão utópica, o poeta desvela, verso a verso, o mundo corruptível e fragmentado que enxerga, consciente dos desvios da humanidade presente. Se

o mundo descortinado é local de impermanência, o mundo que o poeta espera é de unidade, amor e beleza.

A obra de Murilo Mendes, à semelhança da obra de Jorge de Lima, é caracterizada por essa polaridade entre o real e o sagrado, entre a dureza dos homens e a sensibilidade poética. A publicação de *Tempo e eternidade* (LIMA; MENDES, 2006), assinada por Jorge e Murilo, ratifica a tendência de ambos os poetas para a poesia mística. Alguns anos mais tarde, em 1947, Murilo Mendes (2001) publicaria *Poesia Liberdade*, obra poética marcada pelas imagens da guerra, da violência e do extermínio, e pela figura do próprio poeta à espera do Apocalipse, do fim dos tempos, quando a multiplicidade e a complexidade do mundo são vencidas pela unidade e simplicidade do sagrado.

Nos poemas que publicaram na revista *Festa*, Murilo Mendes (2015a, 2015b, 2015c) e Jorge de Lima (1980a, 1980b, 2015) conjugavam aspectos líricos caros ao grupo. Em “Meu flos sanctorum”, Jorge de Lima (1980a) cita figuras do catolicismo (Santa Bárbara, São Bento, São Gonçalo, São Jorge, Anjo da Guarda), num tom de intimidade com todos eles; no poema “Nordeste”, além de aludir novamente aos santos, faz referência ao “Nordeste terra de São Sol!” (LIMA, 1980b, p. 11) e a alguns elementos da cultura nordestina, o que se tornaria uma forte tendência da sua obra. No caso de Murilo Mendes (2015b, 2015c), os poemas “Roxelane” e “O fim do mundo” resgatam personagens históricos e bíblicos, com imagens surrealistas, buscando um sentido de compreensão de si a partir do desvelamento dos arquétipos.

Há muitos outros poetas que publicaram na revista nas suas duas fases, muitos deles em quase total anonimato, seja porque não tiveram obras inteiras publicadas, seja porque não tiveram, ainda, o reconhecimento dos leitores e da crítica mais especializada. De qualquer forma, essa produção ainda desconhecida pode colaborar para o entendimento da corrente universalista e mística, que foi tão importante para o século XX no Brasil e nos revela outras faces do movimento modernista.

A produção de poesia de viés religioso produzida na segunda geração de poesia do Modernismo brasileiro foi e continua sendo bastante difundida pela crítica literária, principalmente através de estudos da obra de Jorge de Lima e de Murilo Mendes, mas é importante nos voltarmos para os fundamentos da poesia metafísica brasileira do século XX; é neste sentido que a poesia mística e o lirismo universalista da revista *Festa*, ainda à margem dos discursos críticos, são um campo aberto e frutífero de investigação.

Referências

ABÍLIO, Henrique. A modernidade universalista da arte. In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929*. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 4-5.

ANDRADE, Mário de. O grupo de “Festa” e suas significações. In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929*. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 12.

ATAÍDE, Tristão de. Gente de amanhã. In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929*. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 14-15.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Apresentação. In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929*. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 9.

BALLIVIÁN, Enrique Bustamante Y. 9 poetas novos do Brasil. In: *Festa: Revista de Arte e Pensamento. 2ª phase. Ano 1, n. 2, ago. 1934*. Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [2015]. p. 9-11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/164526/339>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CAMPOS, Mário Mendes. Alphonsus de Guimaraens. In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929*. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 10-11.

FILHO, Barreto. A revolução mundial e a responsabilidade do espírito. *In: Festa: Revista de arte e pensamento. 2ª phase. Ano 1, n. 3, ago. 1934.* Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [2015]. p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164526&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=352>. Acesso em: 14 jun. 2022.

LIMA, Jorge de; MENDES, Murilo. Tempo e eternidade. *In: LIMA, Jorge de. Anúnciação e encontro de Mira-Celi.* Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 23-83.

LIMA, Jorge de. Meu flos santorum. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929.* Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980a. p. 7.

LIMA, Jorge de. Nordeste. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929.* Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980b. p. 11.

LIMA, Jorge de. O destino da poesia. *In: Festa: Revista de arte e pensamento. 2ª phase. Ano 1, n. 2, jul. 1934.* Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [2015]. p. 6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164526&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=311>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MEIRELES, Cecília. Casulo. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929.* Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 3.

MENDES, Murilo. Meu novo olhar. *In: Festa: Revista de arte e pensamento. 2ª phase. Ano 1, n. 5, dez. 1934.* Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [2015a]. p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164526&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=390>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MENDES, Murilo. O fim do mundo. *In: Festa: Revista de arte e pensamento. 2ª phase. Ano 1, n. 3, set. 1934.* Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [2015b]. p. 4. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164526&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=351>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MENDES, Murilo. *Poesia liberdade*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MENDES, Murilo. Roxelane. *In: Festa: Revista de arte e pensamento*. 2ª phase. Ano 1, n. 3, set. 1934. Ed. digitalizada. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, [2015c]. p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=164526&pasta=ano%20193&pesq=&pagfis=351>. Acesso em: 14 jun. 2022.

MURICY, Andrade. A crise da prosa. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte*. 1927/1929. Ed. fac-similada. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980a. p. 2.

MURICY, Andrade. Alencar. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte*. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980b. p. 3.

SILVA, Mário Camarinha da. Tempo de festa. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte*. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 11-23.

SILVEIRA, Tasso da. A enxurrada. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte*. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980a. p. 4-7.

SILVEIRA, Tasso da. Alegria criadora. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte*. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980b. p. 13-15.

SILVEIRA, Tasso da. Batuque pra começar. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e arte*. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980c. p. 1-2.

SILVEIRA, Tasso da. Instinto de tatu ou Os desiludidos de si mesmos. *In: SILVA, Mário Camarinha da (org.). Festa: Mensário de pensamento e*

arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980d. p. 6-10.

SILVEIRA, Tasso da. O diálogo à sombra dos eucaliptos. *In*: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980e. p. 11-12.

SILVEIRA, Tasso da. O Simbolismo brasileiro. *In*: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980f. p. 8-9.

SILVEIRA, Tasso da. Poema Manifesto. *In*: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980g. p. 1.

SILVEIRA, Tasso da. Quatro carvões e uma aquarela. *In*: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980h. p. 5.

SILVEIRA, Tasso da. Renovação. *In*: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980i. p. 6-8.

VIANNA, Arthur Gaspar. O espírito dominador. *In*: SILVA, Mário Camarinha da (org.). *Festa*: Mensário de pensamento e arte. 1927/1929. Ed. fac-sim. Rio de Janeiro: PLG-Comunicação: Inelivro, 1980. p. 4.